



Este material está licenciado sob uma Licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, o material para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indique se foram feitas alterações.

ARTIGO

Masculinidade e afetividade do homem negro no Brasil: uma análise genealógica das relações de poder

Guthierre Barbosa da Silva Prado

 Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7763-0216>

Tiago Cassoli:

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9751-124X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13941607>

Resumo:

Esta pesquisa investiga a construção histórica e social da masculinidade e da afetividade do homem negro no Brasil, analisando as dinâmicas de poder que atravessam essas identidades em contextos de opressão racial e de gênero. Utilizando o método genealógico, o estudo rastreia as transformações desses conceitos ao longo do tempo, buscando desvelar como o racismo estrutural e o colonialismo moldaram as representações do corpo negro masculino, especialmente no que diz respeito à virilidade e à desumanização. A metodologia inclui a análise de obras literárias, documentos históricos e representações midiáticas, além de um exame das relações de poder que configuram a masculinidade e o afeto. Os resultados destacam a marginalização do homem negro dentro dos padrões hegemônicos de masculinidade, bem como a violência simbólica e a sexualização que persistem nas representações contemporâneas. Contudo, emergem também formas de resistência e ressignificação, tanto no plano individual quanto coletivo, que buscam romper com os estereótipos e criar novas narrativas de masculinidade e afetividade, promovendo a emancipação e a autenticidade do homem negro.

Palavras-chave: Masculinidade negra; Afetividade; Racismo estrutura; Resistência; Genealogia social.

Masculinity and affection of black men in Brazil: a genealogical analysis of power relations

Abstract:

This research investigates the historical and social construction of Black men's masculinity and affectivity in Brazil, analyzing the power dynamics that shape these identities in contexts of racial and gender oppression. Using the genealogical method, the study traces the transformations of these concepts over time, aiming to reveal how structural racism and colonialism have shaped representations of the Black male body, particularly concerning virility and dehumanization. The methodology includes the analysis of literary works, historical documents, and media representations, as well as an examination of the power relations that configure masculinity and affectivity. The results highlight the marginalization of Black men within hegemonic standards of masculinity, as well as the symbolic violence and sexualization that persist in contemporary representations. However, forms of resistance and re-signification also emerge, both individually and collectively, seeking to break stereotypes and create new narratives of masculinity and affectivity, promoting the emancipation and authenticity of Black men.

Keywords: Black masculinity; Affection ; Structural racism ; Resistance ; Social genealogy.

Introdução

A história das pessoas negras no Brasil é profundamente marcada por um legado de colonialismo, escravidão e racismo, cujos efeitos estruturais e simbólicos moldam até hoje a vida dos homens negros. Compreender a construção da masculinidade e do afeto do homem negro nesse contexto exige uma análise cuidadosa das interseções entre raça e gênero, bem como dos dispositivos históricos e sociais que atravessam essas vivências. A masculinidade, enquanto constructo social, está frequentemente associada a privilégios e normas hegemônicas que se configuram de maneira desigual para os homens negros. Para eles, a experiência da masculinidade é atravessada por uma série de discriminações raciais que cerceiam suas expressões afetivas e o acesso aos mesmos privilégios conferidos pela masculinidade dominante.

Este texto propõe uma reflexão crítica sobre a masculinidade negra, analisando como o racismo impõe um fardo adicional aos homens negros, que, ao mesmo tempo em que podem reproduzir padrões masculinos hegemônicos, encontram-se limitados por um sistema que os desumaniza, sexualiza e marginaliza. Desde o período colonial, os corpos

negros foram construídos como objetos de trabalho e de desejo sexual, uma visão que ainda reverbera nas representações midiáticas e culturais. Além disso, o racismo estrutural nega a esses homens o direito de vivenciar afetos de forma plena, reforçando estereótipos que os associam à virilidade exacerbada ou à brutalidade, o que contribui para a supressão de suas emoções e a intensificação de seu sofrimento psíquico.

Ao investigar essas questões, o trabalho utiliza a genealogia como método, inspirada em Friedrich Nietzsche (1998) e Michel Foucault (1987), para rastrear as origens e transformações históricas dos conceitos de masculinidade e afetividade do homem negro. Através dessa abordagem, busca-se desvelar as relações de poder e os discursos que, ao longo do tempo, moldaram essas identidades, considerando os contextos de opressão e resistência. Assim, o texto oferece uma análise crítica, propondo novas leituras sobre a experiência da masculinidade negra no Brasil ancorada, tanto em uma revisão histórica, quanto nas dinâmicas sociais e culturais contemporâneas.

Desenvolvimento/ fundamentação

A história das pessoas negras no Brasil é marcada por um legado de colonialismo e escravidão e, nessa perspectiva, analisar a construção da masculinidade e do afeto do homem negro implica compreender os dispositivos¹ que atravessam tais construções bem como seus mecanismos. Enquanto constructo social, a masculinidade é imbricada de uma série de perturbações e privilégios inerentes à condição de ser homem. Logo, uma definição do termo implica em uma tarefa árdua que não pode ser simplista. Nesse sentido, Oliveira (2004, p.13) propõe que “na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius*, apresenta-se como um significado social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados.”

¹ Segundo Foucault (1987, p. 216, 217) “Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos... ...entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.”

Isto posto, é necessário considerar que tal situação não está colocada de igual maneira pra todas as possibilidades de masculinidade, uma vez que o homem negro é atravessado pelo racismo, enfrentando uma série de discriminações e sendo submetido a uma gama de estereótipos que cerceiam as possibilidades de exercerem o papel do homem como dado pela masculinidade hegemônica. Conforme nos propõe Faustino:

É possível que em determinados momentos os homens negros gozem de quase todas as dores e delícias de qualquer homem em uma sociedade patriarcal, interiorizando, re-produzindo e externalizando determinados padrões hegemônicos de masculinidades. No entanto, e ao mesmo tempo, o racismo destina a esses homens um lugar muito particular – para não dizer, ambíguo – na divisão sexo-racial do trabalho na sociedade moderna, limitando quase sempre as possibilidades de corresponder plenamente a esses padrões. (FAUSTINO, 2019, p.30).

Devido ao legado do racismo os homens negros foram sistematicamente desumanizados e retratados como inferiores e bestiais, sendo relegado um status de homem coisa, desprovido de humanidade. Tal condição fez com que os corpos dos homens negros fossem compelidos à violência e sexualização, fazendo destes quando não objeto de força, objeto sexual e de virilidade exacerbada. Pinho (2004, p.67) observa que “Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim, o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado”.

Desse modo, ao homem negro é negado o direito de expressar ou receber afetos. Seja por não ser visto como um corpo digno de tal, ou pela noção tradicional de masculinidade que suprime a expressão de suas emoções, o que associado ao racismo impõem ao homem negro uma camada adicional de sofrimento. Patrício (2023) nos mostra que enquanto os homens são socialmente condicionados a manter uma fachada de força e inexpressividade emocional, os homens negros enfrentam estereótipos raciais adicionais que os pressionam a adotar uma postura ainda mais rígida e inabalável.

Para compreender como os fenômenos da masculinidade e afeto se dão para o homem negro, é imprescindível fazer uma retomada histórica da trajetória do homem negro no Brasil, buscando identificar como esse homem foi representado e tratado em diferentes períodos da história brasileira. Tanto na arte e literatura, quanto nas ciências e na lei. Carone e Bento (2016) propõem uma análise profunda das práticas sociais e sistemas de significação em torno da raça, a fim apreender como a mídia e a cultura

popular brasileiras retratam e interagem com questões raciais, influenciando a percepção e o entendimento público sobre a raça. E como a interpretação cultural dessas representações refletem e perpetuam atitudes e crenças sobre a raça.

Carneiro (2023, p.74) nos lembra que “no Brasil, o pós-abolição consolida a racialidade negra como meio delinquente por excelência, produzindo sobre ela inclusive um dispositivo legal, a Lei da Vadiagem”. Tal dispositivo foi garantidor de uma massa de pessoas sub-humanizadas e excluídas do lugar de pertencimento na sociedade. Schwarcz (2012) ao analisar o livro *Contos para crianças* (Chrysanthème, 1912) observa a insistente ideia de branqueamento frente a negação do ser negro, compreendendo tal fenômeno como valores sociais representados na literatura.

Para além do proposto torna-se também crucial compreender as estratégias de luta e resistências adotadas pelos homens negros em nível individual e coletivo. Almeida (2018) aponta que a conscientização e mobilização contra o racismo estrutural são elementos-chave que estão reformulando as percepções e experiências das masculinidades negras e é no mesmo sentido que Santos (2019) defende que os homens negros estão cada vez mais engajados em discursos e práticas que questionam as normas preconcebidas relacionadas à raça e ao gênero. Portanto, encontram-se envolvidos em uma luta ativa contra os estereótipos historicamente impostos, buscando representações mais autênticas e diversificadas da masculinidade negra.

Em suma, a construção da masculinidade e da afetividade do homem negro no Brasil é atravessada por complexas dinâmicas históricas, culturais e raciais que refletem o legado do colonialismo e da escravidão. O racismo estrutural impõe limitações e estereótipos que dificultam o pleno exercício da masculinidade nos moldes hegemônicos, relegando o homem negro a um lugar de marginalização e desumanização. No entanto, as resistências individuais e coletivas emergem como forças fundamentais para desconstruir essas representações e criar novas formas de ser e existir. É nesse processo contínuo de luta e transformação que reside a possibilidade de ressignificar a masculinidade negra, afirmando sua diversidade e autenticidade.

Metodologia/ resultados:

O presente trabalho tem como objetivo central analisar a construção histórica e social da masculinidade e da afetividade do homem negro, desvelando as relações de poder e os discursos que moldaram essas identidades ao longo do tempo. Para alcançar esse objetivo, propõe-se, inicialmente, investigar a origem e o desenvolvimento históricos dos conceitos de masculinidade e afetividade do homem negro, destacando as principais rupturas e continuidades nesse processo. Em seguida, pretende-se examinar como diferentes discursos literários, culturais e midiáticos contribuíram para a construção e transformação das representações de masculinidade e afetividade negra. Por fim, busca-se analisar as relações de poder que influenciaram a definição e a regulação da masculinidade e da afetividade do homem negro, levando em consideração os contextos de colonialismo, escravidão, racismo e os movimentos de resistência.

Para alcançar os objetivos propostos está pesquisa baseia-se no método genealógico, que é particularmente eficaz para investigar a construção histórica e social de conceitos complexos como a masculinidade e a afetividade. Friedrich Nietzsche (1986) introduziu a genealogia como uma forma de rastrear a origem dos valores morais e dos conceitos culturais, desvelando suas raízes históricas e as transformações que sofreram ao longo do tempo. Michel Foucault (1987) expandiu essa abordagem, utilizando-a para analisar como os discursos e as práticas sociais são moldados por relações de poder.

O método genealógico não busca uma verdade única ou definitiva, mas sim revelar as múltiplas influências e contingências que moldaram os conceitos ao longo do tempo. Em vez de procurar uma origem pura ou um ponto inicial fixo, a genealogia se interessa pelas rupturas, descontinuidades e transformações que ocorrem no desenvolvimento histórico dos conceitos. Conforme trabalhado por Carneiro (2023) este método mostra-se particularmente útil para desconstruir noções naturalizadas e revelar como elas são produtos de contextos históricos específicos e de dinâmicas de poder.

A escolha do método genealógico para esta pesquisa é justificada pela complexidade dos conceitos de masculinidade e afetividade do homem negro. Esses conceitos não são estáticos; eles foram continuamente reconstruídos ao longo do tempo por meio de interações sociais, políticas e culturais. A genealogia permite explorar essas transformações e destacar como as relações de poder, o racismo e outras formas de opressão influenciaram e continuam a influenciar essas construções.

Para realizar uma análise genealógica eficaz, a pesquisa propõe a utilização de uma abordagem interdisciplinar, incorporando diversas fontes de dados. Entre elas, destacamos as obras literárias de autores negros e não negros que abordam a masculinidade e a afetividade do homem negro, documentos históricos, relatos históricos, documentos oficiais e registros de períodos coloniais, escravocratas e pós-abolição. Além disso, são analisadas as representações contemporâneas em filmes, música, programas de televisão e mídias sociais.

A análise é conduzida em várias etapas. Primeiro, trata da identificação dos discursos e práticas, mapeando tanto os discursos históricos quanto os contemporâneos sobre masculinidade e afetividade do homem negro. Em seguida, realiza-se o rastreamento histórico, investigando as origens e evoluções desses discursos e práticas ao longo do tempo, com destaque para os momentos de ruptura e transformação. A análise das relações de poder corresponde a outra etapa crucial, examinando como essas relações moldaram e continuam a moldar os conceitos estudados, especialmente considerando o impacto do colonialismo, do racismo e de outras formas de opressão. Realizamos também a desconstrução de estereótipos, identificando e desconstruindo os estereótipos associados à masculinidade e à afetividade do homem negro. Finalmente, exploramos a investigação de narrativas alternativas, buscando formas de resistência e resiliência, bem como narrativas que ofereçam representações mais inclusivas e diversificadas.

Considerações Finais

A pesquisa aponta para a complexidade inerente à construção da masculinidade e afetividade do homem negro no Brasil, evidenciando como tais categorias estão profundamente imbricadas em processos históricos de opressão, racismo e colonialismo. A análise genealógica permite não apenas rastrear as origens desses conceitos, mas também desvelar as dinâmicas de poder que os atravessam, configurando uma identidade masculina que é constantemente submetida a uma dupla violência: por um lado, pela imposição dos padrões de masculinidade hegemônica e, por outro, pelo racismo estrutural que nega a esses homens o pleno exercício de sua humanidade.

Os estereótipos que se perpetuam ao longo do tempo, especialmente em relação à virilidade exacerbada e à brutalidade associada ao corpo negro masculino, não apenas limitam as possibilidades de expressão afetiva, mas também colocam o homem negro em uma posição de marginalização dentro das normas dominantes de masculinidade. O racismo, ao atuar como um dispositivo que desumaniza, atribui ao homem negro um lugar de ambiguidade, como proposto por Faustino (2019). Ele pode, em determinados contextos, reproduzir certos padrões masculinos hegemônicos, mas jamais se beneficia dos mesmos privilégios concedidos aos homens brancos.

Além disso, o trabalho ressalta como a violência simbólica e a sexualização do corpo negro, historicamente tratadas como formas de dominação, persistem em representações culturais e midiáticas contemporâneas. A objetificação do corpo negro masculino, como destacado por Pinho (2004), configura uma percepção limitada, que continua a moldar a maneira como esses homens são vistos e tratados na sociedade. Essas construções afetam diretamente sua capacidade de viver afetos de forma plena e saudável, impondo barreiras adicionais que os afastam das possibilidades de expressar vulnerabilidade, sensibilidade ou intimidade.

Entretanto, a pesquisa também aponta para o surgimento de novas formas de resistência e ressignificação da masculinidade negra. Como defendido por Almeida (2018) e Santos (2019), o engajamento de homens negros em discursos e práticas que desafiam os estereótipos de raça e gênero está em curso, revelando um movimento contínuo de luta contra as imposições históricas. Essas resistências não ocorrem apenas no plano individual, mas também em coletivos e movimentos que buscam construir novas narrativas sobre a masculinidade negra, rompendo com os moldes que a aprisionam e criando espaços para a autenticidade, a diversidade e a valorização da afetividade.

Embora esta pesquisa tenha avançado significativamente na compreensão das dinâmicas que envolvem a construção da masculinidade e da afetividade do homem negro no Brasil, ela ainda está em andamento. Novas análises e reflexões serão desenvolvidas para aprofundar o entendimento dessas questões, especialmente no que diz respeito às formas de resistência e ressignificação dessas identidades em contextos contemporâneos. O estudo continua a investigar como as representações históricas e culturais moldam essas vivências e como as transformações sociais e políticas podem contribuir para a criação de

novas narrativas que rompam com os estereótipos e promovam a emancipação e a autenticidade do homem negro em sua experiência afetiva e masculina.

Portanto, é possível concluir que a masculinidade e a afetividade do homem negro, enquanto constructos sociais e históricos, são marcadas por contradições e tensões que refletem as forças opressivas do racismo e do patriarcado. No entanto, a partir da genealogia das representações e de suas contínuas transformações, emergem também possibilidades de resistência e reconstrução identitária. O trabalho segue avançando na busca por uma compreensão mais aprofundada dessas dinâmicas, com vistas a contribuir para o debate acadêmico e social sobre a masculinidade negra no Brasil, ampliando as perspectivas sobre o lugar do afeto, da resistência e da agência na vida desses homens.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Pólen, 2019.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. IN: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (org). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CHRYSANTHÈME. **Contos para crianças.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912.
- FAUSTINO, Deivison. O negro, o drama e a trama da masculinidade no Brasil. **Cult**, v. 242, n 22, p. 30-32, 2019. Disponível em [Dossiê | Cartografias da masculinidade \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/dossiê-cartografias-da-masculinidade/). Acesso 30 ago. 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão** (R. Ramalhete, Trans.). Petrópolis: Vozes, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica** (P. C. de Souza, Trans.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

- PATRÍCIO, Claudio. A dor invisível: Reflexões sobre o sofrimento do homem negro numa sociedade patriarcal e racista. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7021>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, v. 22, p. 64-69. 2004 Disponível em: <https://encurtador.com.br/Tp4Hu>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- SANTOS, Daniel do. Problemas de gênero dos homens negros: Masculinidades negras através das perspectivas do pensamento feminista negro e decolonial. **Revista da associação brasileira de pesquisadores/as negros/as (ABPN)**, v, 11, n. 30, p. 71-95, 2019. DOI: <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2019>. Acesso 20 ago.2024.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira** 1. ed. São Paulo: Claro Enigma 2024.

Guthierre Barbosa da Silva Prado é psicólogo clínico, graduado em psicologia pela UNIALFA em 2019, especialista em psicologia existencial humanista e fenomenológica pela FARESE em 2024 e mestrando em psicologia pela Universidade Federal de Goiás.

E-mail: guthierre.prado@gmail.com

Tiago Cassoli é doutor em psicologia - psicologia e sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestre em psicologia pela Universidade Federal Fluminense e professor da Universidade Federal de Jataí.

E-mail: tiagocassoli@ufj.edu.br

Revisado em 30/09/2024
Publicado em 17/10/2024